

Um Segredo Azul

Era um dia movimentado na pequena cidade de Calipatroquessia, tal como todos os dias normais de trabalho. No entanto, ainda era um pouquinho mais movimentado porque a criançada brincava nos vários parques de diversão espalhados pela cidade, já que estava de férias escolares.

Ao contrário do nome complicado de pronunciar – Ca-li-pa-tro-que-ssi-a – era um local onde era fácil viver pois cada um dos habitantes sabia dar importância ao seu trabalho e comportava-se de forma amigável com todos os outros cidadãos. Uma cidade que pertencia a um grande reino, o Reino de Cali, e cujo povo era um bocadinho diferente daquilo a que estamos habituados. Não havia fadas nem feiticeiros, não. Mas acontece que todos já nasciam com alguns poderes especiais, o que era, portanto, uma coisa muito normal e a que ninguém dava uma importância maior.

Um desses super-poderes, por sinal bastante utilizado, era conseguirem mexer qualquer objeto apenas a olharem para ele utilizando a sua mente poderosa. Já estão a imaginar-vos sentadinhos no sofá, com uma preguiça imensa - daquelas preguiças que se colam às crianças! – e a quererem pegar no

livro que está ali mesmo à frente em cima da mesinha. Pois nada mais fácil do que olhar para o livro, levantá-lo da mesa só com o pensamento e trazê-lo pelo ar até à vossa mão. Pois tudo isto era muito bonito se não fosse proibido utilizar este e outros poderes quando podem utilizar os bracinhos e as perninhas. Que é como quem diz: em Calipatroquessia não há gente preguiçosa!

Assim, enquanto crianças, muito raramente estas utilizavam este poder especial no seu dia a dia. Normalmente só com autorização dos pais ou de um outro adulto. No entanto havia uma situação em que eram livres de o fazer.

Vamos saber!

Com certeza não adivinham quais são os animais de estimação deste povo. Mas se vos disser que têm um pescoço comprido, quatro patas e uma cauda? Ainda não? Hmmmmm... Mas se acrescentar que têm asas já não há dúvidas! São dragões! Pois é, os pequenos animais de raça Dracori são uns dragõezinhos com cerca de quatro a cinco metros. É claro que são de estimação mas não podem ficar dentro de casa, está visto... Têm a particularidade de poderem ser das mais variadas cores. Imaginem então como será fantástico ver tanta cor a cruzar o céu da pequena cidade! E não é tudo. Estes estimados

dragões também nascem com a capacidade de poderem receber os pensamentos dos seus donos. Ou seja, sempre que é necessário chamá-los ou pedir para voarem para a direita ou para a esquerda, basta pensar nisso que eles logo percebem a ordem.

Isto tudo para vos dizer que a miudagem era livre de utilizar o seu dom especial e utilizar o pensamento com os seus dragões de estimação.

Como é habitual durante as férias da escola, tanta brincadeira também acaba por cansar. Acontecia com Gropi, um menino de 8 anos, que estava nessa tarde em casa com vontade de fazer algo diferente. Os pais estavam a trabalhar e apenas a avó estava com ele.

— Gropi, não fazes nada? — perguntou-lhe a avó — Mexe-te rapaz! Não fiques aí sentado a olhar para o ar.

— Ó avó, já não sei que fazer mais. Brinquei a tudo o que era possível. Aqui, lá fora com os meus amigos, e até li um livro, imagina.

— Que grande admiração essa de teres lido um livro! — voltou a avó, — até parece que ler um livro é uma obrigação.

Gropi explicou:

— Não é obrigação. Até é bom ler livros de aventuras, mas era bem melhor se eu pudesse participar numa aventura que fosse bem real.

— Ah, estou a perceber... Uma aventura... — comentou a avó pensativa e deixando um silêncio na conversa.

Daí a pouco, como se de repente tivesse uma ideia brilhante, arregalou os olhos e esboçou um sorriso largo. E virou-se para o neto.

— Já sei! Queres uma aventura? Pois é isso mesmo que vais ter com o desafio que te vou propor.

Bom bom bom... Desafios de avós, já tou mesmo a ver... Ganda seca que aí vem. Mas porque é que não fiquei calado? Lá vamos nós... Pensou Gropi ao ouvir que a avó tinha uma ideia.

— Vem cá. Senta-te aqui. Já alguma vez ouviste falar da floresta mágica? A Floresta Azul? — Gropi torceu a boca e revirou os olhos. *Eu não disse que não vinha aí coisa boa? Como se existissem coisas mágicas,* pensou para os seus botões.

— Não faças essa cara como se eu estivesse a inventar alguma coisa — protestou a avó.

— Está bem, desculpa. Diz-me lá então a ideia que tiveste sobre essa tal floresta. Azul. E mágica...

— Então é assim. É precisamente por ser azul que dizem que esta floresta é mágica. Sei que não fica muito longe daqui, mas o difícil está em encontrá-la. Dizem também que há um velho sábio que vive algures na montanha e esse sim, sabe como se pode lá chegar. — E continuou — Se fosse a ti saía amanhã de manhã e passava o dia a tentar encontrar a floresta azul. Que dizes? Ah! E sabes bem que nunca terás problema se te perderes. Os nossos pequenos dragões sabem sempre o caminho de regresso para casa, estejam onde estiverem.

Gropi pensou por um instante intrigado com esta história incomum que a sua avó lhe estava a contar. Bem, tinha tempo e não tinha nada a perder. Para além disso era mais uma ocasião para colocar em prática o seu poder da mente sobre o seu dragão de estimação. Por que não? E aceitou o desafio.

— Certo. Então amanhã antes de ires preparo-te um lanchinho para o dia — finalizou a avó toda contente.

— Já agora... Posso levar comigo a Mirta se ela quiser ir? — questionou o neto. Mirta e ele eram amigos desde pequenos e colegas na escola.

— Claro que sim. O lanche vai chegar para os dois.

Depois de contar sobre a floresta, que acreditava ter saído do imaginário da avó, e da sua amiga Mirta pedir autorização aos pais, ficou combinado encontrarem-se pelas nove horas na Praça Este, um dos pontos de saída da cidade.

Ainda não era a hora marcada quando Gropi se aproximou do local combinado. Para sua surpresa já lá estava a sua amiga que parecia mais ansiosa do que ele com a ideia de encontrarem esta fantástica Floresta Azul.

— Não contava que já cá estivesses, Mirta — cumprimentou-a depois de descer do seu dragão verde.

— Pois, mas como acordei muito cedo resolvi vir andando. Aliás, para dizer a verdade, nem dormi muito bem de tão entusiasmada que estava com a possibilidade de encontrarmos essa tal floresta.

— Bem, eu também não sei bem o que esperar. Não contava com esta história da minha avó. Apenas sei que temos de ir em direção às Montanhas das Pedras Brancas. Depois dessa só existem os Picos Gigantes e para além deles apenas o deserto com vegetação rasteira. Por isso teremos que nos ficar mesmo pelas montanhas. E então, vamos?

— Certo, vamos lá! — concordou Mirta enquanto subia para o seu dragãozinho rosa, pontilhado aqui e ali de dourado. Meninas...

Não demorou muito a deixarem para trás a zona habitada e sobrevoavam agora imensos campos verdes e de cultivo, ainda com pouco arvoredo. De vez em quando acenavam um para o outro enquanto desfrutavam do ar fresco que lhes batia suavemente nas faces. Era a única parte da cara a descoberto, já que era obrigatório o uso de capacete de proteção para poderem andar nos seus dragões. Estavam ainda seguros à sela colocada na parte da frente do dorso dos seus animais de estimação. Os pequenos dragões coloridos, ora batiam as suas longas asas ora planavam a baixa altitude pois também não era permitido subir em demasia. Normalmente voavam um pouco acima do topo das árvores.

Passou assim cerca de uma hora até chegarem a uma extensão imensa de floresta. Cobria toda a área que levava até às Montanhas das Pedras Brancas, a qual já surgia ao longe no horizonte. Através dos seus comunicadores pessoais que usavam no braço como um relógio, Mirta e Gropi falavam sobre o que fazer a seguir.

— Agora olhos bem abertos para alguma parte da floresta que seja azul! — alertava Gropi.

— Sim — concordou a amiga. — Se não encontrarmos nada, depois teremos que procurar nas encostas de toda a montanha porque também há floresta aí.

Os amigos acenaram com a cabeça a concordar e lá foram percorrer toda aquela imensa extensão de folhas verdes que não deixavam ver nem um bocadinho do solo.

Durante longo tempo andaram em ziguezague por cima das florestas que foram aparecendo. Não conseguiam descobrir outra cor que não fosse o verde. Mais tarde voaram até à encosta da montanha e foram subindo e descendo, avançando em todo o seu comprimento. Nada. Não havia forma de encontrarem nada que fosse azul.

A certo momento Mirta fez sinal ao amigo quando viu uma clareira lá em baixo no sopé da montanha. Era um bom sítio para pousarem, descansarem um pouco e decidirem o que fazer de seguida. Assim, daí a pouco já de pé em solo firme e com os dragõezinhos a descansarem, Gropi aproveitou para tirar os lanches da mochila e foram comendo à medida que pensavam no que fazer.

— Bom, não vejo outra solução que não seja falarmos com o tal velho sábio que a tua avó disse viver por aqui — concluiu Mirta.

Gropi concordou.

— Sim, procurámos por todo o lado e nada. Por trás das montanhas já só temos os Picos Gigantes e esses não têm árvores. É só pedra e são muito altos. Mas onde vamos encontrar esse sábio?

— Isso eu penso que sei — disse Mirta com importância. — Não muito longe daqui reparei num fumo que saía por entre a copa de duas ou três árvores. Acho que só pode ser uma coisa...

— Fumo de uma fogueira ou da lareira de alguma casa! — rematou o amigo sem deixar Mirta acabar a frase.

Recompostos com a comidinha que a avó tinha preparado, rapidamente empoleiraram-se nos seus animais, com Gropi a seguir a menina que se lembrava do local onde vira o fumo.

Após breves minutos conseguiram pousar novamente numa aberta sem árvores, muito perto do sítio assinalado por Mirta. Pouco depois encontraram uma casa de madeira construída a toda a volta do tronco de uma árvore. E lá estava a pequena chaminé que continuava a deitar a fumarada.

Daí até estarem a falar com o velho sábio foi um instante. Este, depois de os ouvir atentamente, explicou:

— A resposta meus meninos, a resposta está nos Picos Gigantes — disse pausadamente. — A pedra desses Picos parece toda igual. Mas se observarem atentamente existem saliências enormes na pedra dessas encostas. Elas escondem recantos também muito grandes onde praticamente não chega a luz do dia. É num desses recantos que devem procurar.

— Procurar o quê? — perguntaram os meninos ao mesmo tempo, entusiasmados com o que ouviam.

— Nesse recanto escondido existe uma abertura bem grande como se tivesse sido escavada na pedra. Deve ter a altura de quatro árvores e a largura de umas oito! É a entrada para um túnel que os vai levar onde pretendem. Depois... logo verão.

O sábio ainda lhes explicou o local exato onde procurar numa das encostas dos Picos Gigantes. Depois de agradecerem tão preciosa informação levantaram voo de forma a não perderem mais tempo.

Assim, não foi difícil encontrar o sítio onde havia a tal saliência que fora falada. Começava lá em cima, um pouco abaixo de um dos picos, e alargava até

quase ao sopé daquela montanha de pedra. Contornaram-na até ao espaço que havia por trás e logo aí pararam no ar de boca aberta.

Era tal e qual como lhes dissera o velho senhor.

— Repara como é enorme esta entrada — disse Mirta. — Só pode ser a gruta que o sábio falou.

Podiam entrar a voar normalmente que não havia problema. Assim fizeram. Apesar da primeira sensação ser de escuridão completa, pouco depois já os seus olhitos se tinham habituado. Conseguiram agora distinguir um túnel perfeito donde vinha um pouquinho de luz lá ao fundo. Dois minutos bastaram para se aproximarem do fim do túnel e voltarem a ter a luz do dia que vinha da saída. Mal chegaram ao outro lado tiveram que parar. Pousaram no pequeno planalto à frente deles e desmontaram dos seus dragões. Ali, juntos, sem dizerem uma palavra, nem conseguiam acreditar no que viam.

Era uma parede imensa de rocha que dava uma volta completa, formando um círculo. As encostas desciam até um vale largo lá em baixo coberto quase na totalidade por uma floresta linda. E já imaginam. Azul. Completamente azul. A floresta mágica.

Depois de se acalmarem deste primeiro choque Gropi disse:

— Vamos lá abaixo ver de perto. Nem acredito como estas árvores são todas azuis. Tão bonitas.

Montaram os seus animais, levantaram voo e foram descendo até ao vale bem abaixo. Finalmente começaram a aproximar-se das árvores que estavam mais à frente. Mas as surpresas ainda não tinham acabado.

De repente, a partir das primeiras árvores começaram a soltar-se milhares de pedacinhos azuis que subiam pelo ar e pareciam cintilar à luz do dia. À medida que avançavam por cima da floresta cada vez mais bocadinhos de azul se libertavam das árvores, transformando-as no verde que tão bem conheciam. Só quando já estavam no meio do vale, envolvidos por aquela nuvem azul gigante, perceberam o que realmente se passava. Os milhões de pedacinhos de azul que pareciam brilhar pelo ar fora eram simplesmente bonitas borboletas que estavam pousadas nas árvores, cobrindo-as por completo. E à medida que eles se foram aproximando elas foram levantando voo, pintando tudo de azul à sua volta.

Tamanha foi a surpresa que ficaram ainda mais maravilhados com o que presenciavam. Sentiam que faziam

parte daquela magia voando na cor azul que se confundia com o céu.

Os dois meninos continuaram a planar durante mais algum tempo naquele vale mágico. Mas sabiam que era hora de regressar. E encantados por terem observado algo tão bonito que a natureza lhes proporcionara, decidiram voltar a casa.

Durante a viagem até à sua cidade Gropi pensou porque razão a sua avó não lhe explicou logo o que ia encontrar, já que era claro que ela sabia. E aí percebeu como uma floresta podia oferecer-lhe surpresas tão bonitas e extraordinárias que até pareciam magia. Gropi ainda não sabia, mas com certeza iam acontecer momentos na sua vida que iria considerar mágicos; por lhe darem uma alegria, por fazerem-no feliz ou por serem simplesmente momentos lindos como este.

Mais tarde Gropi veio a saber que o local que encontrou era o único onde existia aquela espécie de borboletas azuis e por isso mantinha-se escondido, o que o tornava tão especial.

Não acham que é mágico?